

Entrevista – André Azevedo da Fonseca

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Canal no YouTube: Prof. André Azevedo da Fonseca (46.045 inscritos)

Link de acesso: <https://www.youtube.com/user/azevedodafonseca>

Icles Rodrigues

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Canal no YouTube: Leitura Obriga HISTÓRIA (142.075 inscritos)

Link de acesso: <https://www.youtube.com/channel/UctMjnvODdK1Gwy8psW3dzrg>

A HISTÓRIA NO YOUTUBE: DEMOCRATIZAÇÃO, VULGARIZAÇÃO E FALSOS PROBLEMAS PARA O CONHECIMENTO HISTÓRICO

**Augusto César Pereira da Silva¹
Flávio Conche do Nascimento²**

Entrevista realizada por e-mail entre os dias 03 e 11 de Janeiro de 2019. As perguntas foram feitas no singular em respeito às particularidades dos entrevistados (assim como ao perfil de seus respectivos canais no YouTube). A quantidade de inscritos nos dois canais se refere ao número de registros do dia 14 de Fevereiro de 2019.

A Ciência precisa de duas frentes de ação para avançar na expansão de conhecimento a que se propõe: a pesquisa e a divulgação. A primeira aprofunda ou detalha o conhecimento sobre os sistemas, enquanto a segunda compartilha as descobertas, alargando seu domínio. Os pesquisadores que trazemos nesta entrevista são divulgadores científicos que se projetaram na maior plataforma de vídeos da internet, o YouTube.

André Azevedo da Fonseca publica vídeos no canal que leva o seu nome. Segundo a descrição do canal, o objetivo “é produzir vídeos inspiradores para estimular a curiosidade sobre temas de Educação, Comunicação e Ciências Humanas”. Ele é professor adjunto e pesquisador no Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Conquistou diversos prêmios nacionais e internacionais, como o Inovar para Ensinar, da Unesco (2016).

¹ Graduado em Comunicação Social (habilitação em Rádio e TV) pela Universidade Federal de Pernambuco, mestre em Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. Assessor de Comunicação do Estado de Mato Grosso. E-mail: augusto.comuni@gmail.com.

² Graduado, mestre e doutorando em História pela Universidade Federal de Mato Grosso. Técnico do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. E-mail: flavioconche@gmail.com.

Icles Rodrigues produz os vídeos do canal Leitura ObrigaHistória, em que comenta livros sobre períodos e conceitos históricos com uma média de publicação de um vídeo por semana. Icles Rodrigues está doutorando em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e eventualmente divide a tela com outros pesquisadores que complementam o debate em temas específicos. O Leitura ObrigaHistória tem seu nome na lista dos canais mais prestigiados do gênero no Brasil.

Outras Fronteiras: *A plataforma de compartilhamento YouTube já é parte da realidade dos brasileiros interessados por assuntos das Ciências Humanas. Seja para resolver questões pontuais, ou para conhecer análises complexas, o público interessado pelos vídeos parece ser tão plural quanto o próprio apelo de diversidade de abordagens que a plataforma possibilita. O que nos leva a uma pergunta inicial: quais foram os principais motivos de criação do canal?*

André: No meu caso, a criação do canal foi um desafio de meus alunos. Em uma aula eu falei sobre o potencial do YouTube para a divulgação científica com tanto entusiasmo que eles me provocaram, questionando: - *Professor, se o YouTube é tão bom assim, porque você não faz o seu próprio canal?* Topei o desafio. Escrevi alguns roteiros, aprendi técnicas de produção, iluminação, edição e parti para a prática. Um dos objetivos era precisamente exercitar as habilidades de comunicação de conceitos científicos para um público não-acadêmico. E nesse sentido, o YouTube é um bom laboratório. Os próprios comentários, apesar de frequentemente ofensivos – como é tradicional no YouTube – oferecem um termômetro interessante. E quando lemos depoimentos de espectadores agradecendo por terem compreendido um conceito complexo, isso aponta alguns caminhos promissores para a comunicação científica.

Icles: Desde 2009, quando eu entrei na graduação em História, eu tinha um blog que leva o mesmo nome do atual canal, destinado a publicar resenhas dos livros que eu lia. Além de ser um exercício de fixação de informações, eu queria opinar sobre os livros lidos e, quem sabe, incentivar outras pessoas a lê-los. No entanto, com o passar dos anos, comecei a ficar meio sem paciência para escrever resenhas, então pensei que migrar para o formato de vídeo seria uma boa alternativa. O que começou como um canal de resenhas e opiniões sobre livros criou corpo e se tornou algo muito mais

amplo, tanto que não publicamos mais vídeos de análises de livros, apenas de dicas de leitura.

Outras Fronteiras: *Nós mesmos fazemos parte desse quadro de pessoas interessadas pelo canal. Com base em alguns vídeos, supomos existir nele a expectativa de entregar aos interessados um conteúdo que esclarece questões controversas das Ciências Humanas, ou que, minimamente, propõe abordagens alternativas às mesmas (abordagens que escapam ao que chamamos, pejorativamente ou não, de “senso comum”). Nossa interpretação está de acordo com as expectativas do canal?*

André: Sim. Na divulgação científica, é importante partir do princípio de que, se o público não é composto exclusivamente por estudantes universitários e cientistas, não se trata também de pessoas incapazes de compreender um tema complexo: ao contrário, a própria disposição em buscar os vídeos já indica que são pessoas curiosas e interessadas em se aprofundar em temas que consideram importantes na superação do senso comum. No meu caso, não busco propriamente um tema controverso. Procuro me concentrar nos meus próprios campos de estudo e de trabalho. Por exemplo, quando sou convidado a ministrar uma palestra, uma conferência em um congresso, ou quando participo de uma mesa-redonda em um simpósio, costumo produzir um roteiro para veicular um vídeo e compartilhar as ideias com a comunidade do meu canal. Assim, em vez de falar para duzentas ou trezentas pessoas em um evento acadêmico, falo a milhares através do YouTube. Mas não me preocupo necessariamente com a “pauta do momento”. Meu objetivo são temas universais e de interesse de longo prazo.

Icles: Em partes, sim. No entanto, tenho que admitir que a escolha de pautas para o canal costuma ser mais “egoísta”, se resumindo ao que eu tenho interesse de pesquisar ou fazer vídeo a respeito. Eu recebo incontáveis pedidos de vídeo, mas não posso atender à grande maioria por falta de tempo, já que tocar um canal enquanto se tenta escrever uma tese de doutorado é muito, muito difícil. Na medida do possível eu tento conciliar meus interesses com o que eu acho necessário abordar, mas eu sempre acabo focando em vídeos sobre temas que me despertam interesse e que me deixam seguro para gravar. Há temas muito importantes que não abordo porque não tenho condições de fazê-lo com o devido cuidado, então estes ficam para um futuro ainda distante. Já outros eu até abordei, mas precisei ficar algumas semanas ou mesmo meses trabalhando na pesquisa, roteiro, gravação, edição e tudo mais, até que eu ficasse satisfeito.

Outras Fronteiras: *Propor sínteses é algo difícil – os jovens historiadores sabem o quão desafiador é fazer o resumo para anais de uma atividade acadêmica, por exemplo! Neste sentido, podemos imaginar as dificuldades de se desenhar um roteiro que exponha satisfatoriamente as questões centrais de cada vídeo: imaginamos que os recortes peçam um estímulo seguro acerca de “o que entra” e “o que fica fora”, bem como sobre o tempo de duração de cada oportunidade. Como costuma fazer os roteiros? Ou melhor: quais preocupações costumam prevalecer na montagem dos roteiros?*

André: A preocupação mais importante explicar de forma clara, considerando que estou me dirigindo a um público não-acadêmico que talvez não domine os conceitos que emprego para fundamentar a análise, os fenômenos. Por isso, o didatismo é a regra número um. Mas como disse, não subestimo meu público. Ou seja, não proponho entregar os conceitos “mastigados” ou apenas “simplificados”. Percebo que a tarefa do professor – que na prática, faz divulgação científica todos os dias – é precisamente esse: buscar o equilíbrio entre a explicação inteligível, por um lado; ao mesmo tempo em que promove o desafio intelectual para que o espectador se esforce também, por si só, para decodificar esses conceitos a fim de aplicá-los em circunstâncias independentes.

Além disso, ficou claro para mim que o próprio exercício de escrever roteiros contribui nas habilidades de síntese. É claro que é trabalhoso, como qualquer atividade intelectual. Mas a cada roteiro fica mais fluído. Descobri que, ao contrário de uma aula, vídeos não precisam ser redundantes, pois o espectador pode pausar e voltar a qualquer momento. É preciso ser objetivo, no sentido de evitar muitas digressões que desviam do tema central. Apesar da facilidade de acesso – ou talvez, por causa disso – o público do YouTube é muito disperso e impaciente. Há muitas opções para que o espectador se distraia. Por outro lado, temos acesso ao painel de análises da plataforma para identificar em qual ponto os espectadores abandonam o vídeo, quantos gostaram e quantos não gostaram, idade, gênero, etc. São formas diversificadas de *feedbacks* e de aprendizado sobre nossa própria produção.

Icles: Quando eu comecei, eu tinha uma regra não escrita de que nenhum vídeo deveria passar de vinte minutos, e se passasse, deveria ser por uma margem pequena, já que eu entendia que vídeos maiores do que isso não receberiam a devida atenção. No entanto,

com o tempo fui aprendendo que cada canal tem um perfil de público específico, e que se o tema for razoavelmente interessante para o público, o tamanho não importa. Aos poucos tenho tentado deixar de lado a demanda do algoritmo do YouTube por quantidade de vídeos e focado mais na qualidade deles, o que vem resultando em vídeos mais longos. Depois que seu canal cresce, você tem mais liberdade de trabalhar da forma como achar melhor e deixar de lado um pouco algumas “fórmulas” de trabalho que não necessariamente funcionam para vídeos com um viés um pouco mais acadêmico com os que fazemos.

Outras Fronteiras: *Haja vista a quantidade de assinantes do canal, concluímos que as pessoas continuam se interessando pelos assuntos das Ciências Humanas. O número, possivelmente, é grande ao ponto de dificultar sabermos os perfis deste público. Correto? É possível nos dizer quem são as pessoas interessadas pelo canal?*

André: Na verdade, o YouTube oferece alguns recursos para conhecer o público, como mencionei. No meu caso são majoritariamente estudantes universitários, jovens professores e colegas da minha geração. Considerando os dados de 2018, quase 90% da comunidade em torno do meu canal está na faixa etária entre 18 a 44 anos. Mulheres são 57%. Pelos comentários, percebo também a presença de muitos jovens profissionais de outras áreas que se interessam nas discussões sobre humanidades. E temos também a análise dos termos das buscas que trouxeram as pessoas ao canal, além dos sites e blogs que incorporam nossos vídeos. Foi assim que descobri que meus vídeos têm sido amplamente utilizados em plataformas de EAD, por exemplo.

Icles: É um pouco difícil dizer, de fato, mas posso constatar que uma parcela muito grande do meu público, além de se interessar por conteúdo de Ciências Humanas, se identifica como de esquerda. Durante as eleições de 2018, por exemplo, o canal teve um crescimento astronômico, como nunca antes aconteceu, impulsionado em grande parte pelos nossos vídeos sobre os conceitos de Direita e Esquerda, sobre Fascismo e o vídeo que relata a trajetória de Mussolini até o poder, onde vários passos do ditador italiano se assemelhavam com a trajetória de Jair Bolsonaro rumo à presidência. Logicamente essas analogias não significam que necessariamente os governos serão análogos, mas as semelhanças eram tantas que achei ser necessário tocar nesse assunto. Ainda assim, percebo que há uma parcela do público que não se identifica politicamente com a esquerda, e também temos muitos inscritos de áreas acadêmicas de fora das

humanidades. Vez ou outra recebemos comentários de pessoas que cursam ou são formadas em áreas como Engenharias, Ciências da Computação, Biologia e afins que nos assistem por gostarem de História e do viés acadêmico que temos, que reforça o caráter científico da pesquisa histórica mesmo esta não sendo uma “ciência dura”. Como costume dizer a alguns inscritos, o fato de a História não ser uma ciência empírica *strictu sensu*, não quer dizer que não haja empirismo nas análises, nas fontes e no trabalho como um todo.

Outras Fronteiras: *Na pergunta anterior mencionamos que “as pessoas continuam se interessando...” em razão de muitos acadêmicos afirmarem que os brasileiros se desinteressaram pelos saberes das “humanidades”. Isso contrasta, à primeira vista, com a quantidade de pessoas que assinam e conversam sobre o conteúdo do canal, dentro e fora das universidades. Você também enxerga este desencontro, ou a pergunta lhe parece esconder um falso problema?*

André: Sim. Pela minha experiência, descobri que parte da reclamação dos pesquisadores sobre esse suposto desinteresse do público pelas humanidades é uma forma disfarçada de esconder a própria preguiça – ou melhor, para ser mais justo com os colegas que, de fato, estão sobrecarregados, eu diria que se trata de uma certa displicência com essa etapa indispensável da ciência. Em muitos casos, contudo, interpreto como mera arrogância de quem não se empenha para fazer divulgação científica, talvez por supor que o ato de publicar um artigo em uma revista acadêmica é o objetivo final de sua atividade como pesquisador. O que, de certa forma, não deixa de atender às exigências dos editais que conferem bolsas e promoções.

Mas para mim, essa visão que apenas reproduz de forma burocrática o sistema de produção em série do pesquisador é equivocada. Penso de forma bem diferente: a tarefa do pesquisador não está concluída com a publicação de um artigo; na verdade, a publicação é o ponto de partida. É papel do pesquisador trabalhar objetivamente para que seu artigo seja lido e suas descobertas dialoguem com o seu campo de conhecimento, em primeiro lugar; e depois com a sociedade como um todo. Pesquisadores que se autoenganam, supondo que um artigo publicado em uma revista restrita que quase ninguém lê está contribuindo com a sociedade... na verdade, estão apenas reproduzindo um sistema de produtivismo frequentemente estéril e que dá razão aos críticos.

Está claro para mim que é um desperdício de energia, de talento e mesmo de dinheiro público quando pesquisas sérias, resultados de anos de trabalho, acabam confinadas na gaveta. Na área das humanidades, sei que há dissertações e teses que são lidas apenas pelo orientador e pelos membros das bancas. E que apesar de ficarem disponíveis online, não são publicadas em livros, não se tornam artigos e nunca são sequer citadas, nem por pesquisadores que supostamente estão avançando no tema. Isso é um desperdício inconcebível! Ao lado disso, vejo que ainda persiste uma espécie de “textolatria”, para usar um termo do Flusser: ou seja, uma adoração ao texto escrito, em um paradigma que rejeita outras formas de disseminação de ciência. O que é contraproducente e sem sentido. Afinal, um vídeo contém um texto que, em vez de lido, é ouvido.

Por isso, é urgente refletir sobre formas criativas de divulgar os resultados das pesquisas, sobretudo nas humanidades. Parte da responsabilidade pelo fato de que muitos ainda acusam os pesquisadores das ciências humanas e sociais de fazer trabalhos irrelevantes se relaciona com essa deficiência de comunicação científica. Ora, se precisamos disputar atenção em um mundo repleto de estímulos, não podemos nos fechar no universo da academia e suas linguagens herméticas. O pessoal das ciências da computação, por exemplo, cujas pesquisas são ainda mais intrincadas para leigos, se comunica muito melhor com a sociedade, com as mídias e com o mercado, do que os pesquisadores das humanidades, que se supõem mais “descolados” e criativos. Basta ver o termo “inteligência artificial” – uma fantasia que os cientistas inventaram para obter mais visibilidade e financiamento para suas pesquisas em programação.

Icles: Acho que essa afirmação a respeito do desinteresse público é bastante problemática, pelo menos em se tratando de História, que é a área na qual me insiro e posso opinar. Não é que o público se desinteressou pelo tema; basta ver os números de vendas de obras como *1808* e dos Guias Incorretos que inundam as livrarias há anos. O ponto é que as fontes que a maior parte da população dá créditos muitas vezes são as piores e mais problemáticas possíveis. Documentários de qualidade duvidosa ou com evidente viés sensacionalista, livros escritos por oportunistas, redes sociais, entre outros veículos, incluindo aí o YouTube, são algumas das principais formas de consumo de conteúdo histórico atualmente. E se você fizer uma pesquisa sobre alguns temas históricos e políticos mais sensíveis no YouTube, verá que o site é tomado justamente

por esses grupos de revisionismo histórico e antiacademicistas, pelo menos no caso brasileiro. Ou seja: o interesse existe, mas o campo foi tomado pelas abordagens oportunistas e de baixa qualidade, provavelmente por conta da inaptidão da academia brasileira em ocupar esse espaço com abordagens mais adequadas ao interesse público. E na atual conjuntura onde a academia é tratada como um antro de doutrinadores comunistas que desperdiçam dinheiro público, fica mais difícil convencer parte desse público a ouvir o que temos a dizer, já que estes não querem acreditar que esses discursos são um amontoado de bobagens motivadas por pura ideologia, mesmo que se disfarcem de não-ideológicos e pragmáticos.

Outras Fronteiras: *Ainda sobre o (falso) problema levantado por nós, vale a pena mencionar que a relevância dos vídeos na propagação do conhecimento acadêmico encontra também seus opositores. Alguns insinuam que os canais do YouTube vulgarizam o conhecimento universitário, tendo em vista supostos “baixo grau de complexidade das abordagens”, “tempo curto de exposição”, “estímulo da abordagem demasiadamente sintética” etc.. De todo modo, encontramos nesta controversa alguma reflexão pertinente?*

André: Sim, parte das críticas procedem. Apesar de tantas experiências interessantes, como o Science Vlogs Brasil – uma rede de canais de divulgação científica, do qual faço parte – as redes sociais, incluindo o YouTube, ainda são um desafio para a divulgação científica. Mas vejo que o problema principal é pior do que esse. Para o público leigo – sobretudo crianças e jovens, mas também pessoas de mais idade – nem sempre é fácil, por exemplo, notar a diferença entre ciência e charlatanismo disfarçado com um discurso pseudocientífico. Competimos com pessoas fazem sensacionalismo para conquistar milhares de visualizações e ganhar dinheiro com anúncios em seus vídeos. Muitos utilizam técnicas antiéticas para atrair e segurar a atenção das pessoas, que acabam consumindo fake news e opiniões sem qualquer fundamento, confundindo-as com ciência. Isso sim é grave. Nesse contexto, concentrar as críticas naqueles que produzem vídeos no YouTube com conceitos científicos corretos, ainda que introdutórios, me parece fruto de incompreensão do cenário em que divulgadores científicos atuam.

Icles: Em algumas ocasiões, tomado por uma imensa frustração diante do descrédito que alguns acadêmicos têm para com esse tipo de iniciativa, eu fiz afirmações contundentes e, devo admitir, bastante agressivas para com os profissionais da nossa

área que acusam iniciativas como o meu e tantos outros canais de “vulgarização do conhecimento”, para parafrasear a própria pergunta. Eu, pessoalmente, nunca recebi um comentário com esse discurso, de forma clara, mas já recebi muitos comentários de pessoas que não fazem absolutamente nada pela difusão do conhecimento e se sentem autorizadas a falar do seu trabalho com uma ponta de menosprezo, apontando as ausências de informações dos vídeos como demonstrativos da falta de qualidade dos mesmos ou falta de competência de quem o produz. O que costumo dizer, especialmente em conversas mais informais, é que estes acadêmicos que desprezam nosso trabalho em ocupar estes espaços tomados por desinformação como “vulgarização do conhecimento” merecem cada Leandro Narloch, cada Olavo de Carvalho, cada político proponente de desmonte do serviço público, cada sujeito que o acusa de desperdiçar dinheiro público e viver na mamata, cada discurso contra o funcionalismo público. Estes espaços virtuais foram tomados por sujeitos que defendem esses discursos, e é neles que milhões de pessoas são convencidas a defender ideias no mínimo questionáveis, e que muitas vezes atentam contra seus próprios interesses, sejam de classe, sejam os identitários. Desmerecer quem tenta contra-atacar com seriedade beira o ridículo.

Felizmente eu tenho encontrado uma imensa maioria de professores muito generosos que não apenas divulgam nosso trabalho, como ainda utilizam alguns de nossos vídeos em sala de aula, fora aqueles e aquelas que já nos concederam entrevistas, como Giovanni Levi, João Klug, Rafael Hagemeyer, Dennison de Oliveira, Luis Fernando Junqueira, Thays Tonin, Mariane Pisani (que atualmente faz parte do canal) e Lilia Schwarcz. Tendo a acreditar que a maioria de nossos professores é favorável a iniciativas como o Leitura Obriga HISTÓRIA.

Outras Fronteiras: *A escrita de textos representa a atividade mais convencional do trabalho dos historiadores. Por sua vez, podemos dizer que existe também uma historiografia audiovisual, crescente ao ponto dos departamentos de História estarem a debater Brasil afora sobre a possibilidade da produção de vídeos atenderem aos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Como enxerga o atual cenário de tomada do vídeo como fonte de invenção e propagação do saber histórico?*

André: Entendo que o vídeo é uma linguagem legítima para o registro científico. Há uma longa tradição de filmes etnográficos, por exemplo. Resultados de pesquisas cuja fonte prioritária são materiais iconográficos ou audiovisuais podem se tornar ainda mais

compreensíveis se forem apresentados em vídeo. Mas é claro que a forma de apresentação deve estar objetivamente relacionada ao propósito de tornar o trabalho inteligível. Em outras palavras, a *forma* deve estar a serviço do *conteúdo*, e não o contrário. Como bem lembra Pierre Levy, as tecnologias da leitura – da separação das palavras à pontuação, parágrafos, divisão de capítulos, sumários, índices, notas de rodapé, etc; assim como a própria espessura, corte e dobradura do papel, que possibilita as técnicas de diagramação e encadernação, tão úteis ao registro do conhecimento – se consagraram historicamente pelas suas qualidades inegáveis: o pensamento encontra recursos para se organizar. Por isso, a eventual escolha pelo vídeo em um trabalho acadêmico precisa estar bem fundamentada para fazer sentido. Insisto: o objetivo da inovação não se esgota uso indiscriminado do recurso em si. A inovação só tem sentido se contribui efetivamente para que o conhecimento seja melhor articulado e expresso. Outra coisa, porém, é a etapa da divulgação científica – que é posterior a todas as etapas de revisão por pares. Antes de fazer divulgação dos resultados, o pesquisador precisa passar pela validação de sua pesquisa. Caso contrário, a sociedade corre o risco de receber uma informação que ainda não foi revisada e corrigida pela comunidade científica. Mas na divulgação científica, o vídeo é um recurso muito interessante: não substitui, mas complementa as comunicações em texto escrito.

Icles: Não sou exatamente otimista com essa discussão a respeito da transição de Trabalhos de Conclusão de Curso para o formato de vídeo. Nunca cheguei a pensar profundamente no assunto, mas me parece que as nuances da linguagem audiovisual não necessariamente casam tão bem com o formato de vídeo. Claro, poderíamos mencionar os diversos *video essays* que vêm aparecendo no YouTube nos últimos dois ou três anos, que consistem em artigos, devidamente pesquisados e escritos na forma de roteiro que se assemelham muito à estrutura de artigos acadêmicos, ainda que guardem suas particularidades. No entanto, mesmo os *video essays* mais complexos ainda contém uma grande simplificação de linguagem e um uso muito comedido de bibliografia de apoio. Não que isso seja um problema em si: na verdade, estes vídeos me são bastante agradáveis de se assistir, e talvez se eles fossem mais parecidos com artigos ou TCCs eles se tornassem menos interessantes como produto audiovisual. A questão é até que ponto a academia estaria disposta a ceder diante de uma provável simplificação não apenas de linguagem, mas de pesquisa, algo que poderia vir a acontecer.

Penso que as potencialidades mais interessantes da entrada do audiovisual na academia são outras. Trabalhos finais de disciplina, apresentação de seminários, ou até mesmo trabalhos que são especificamente voltados para o campo da História Pública, onde os alunos precisem pensar não apenas no conteúdo a ser feito, mas na forma como ele deve ser produzido para chegar a um público mais amplo. Há também a possibilidade de se cobrar *video essays*, no mesmo formato que o YouTube tem popularizado, que coloquem alguns autores lidos na disciplina pra dialogar entre si, incorporando discussões feitas em sala e permitindo aos alunos chegar a suas próprias conclusões. Seria não apenas um exercício de produção audiovisual, mas exigiria mais atenção dos alunos nas discussões em sala e exercitaria seu poder de análise e síntese ao produzir os roteiros. Enfim, as possibilidades são inúmeras.

Outras Fronteiras: *2018 não foi um ano tranquilo para os profissionais da História que conquistaram a atenção de um público mais amplo. Existem muitas expectativas políticas tradicionalmente ligadas à História, em especial, e isso parece ter aflorado nos comentários de alguns dos vídeos carregados no YouTube. A um só tempo, o canal expressa para nós a socialização do conhecimento histórico, pois amplia os espaços de circulação do saber, e o desafio de se administrar polêmicas (tão políticas, como historiográficas) exatamente em razão da ampliação do público. De que maneira você enxerga (ou lida com) estes dois pontos?*

André: O primeiro ponto está diretamente relacionado à militância ideológica expressa pelo Escola “Sem Partido” que, cumprindo uma agenda política que se diz neutra, está estimulando a hostilidade dos jovens contra qualquer manifestação do pensamento de esquerda nas escolas. Nessas eleições ficou claro que, além de político, o Escola “Sem Partido” é partidário também, afinal, está presente no plano de governo do presidente eleito. Através da promoção de livros historicamente incorretos, quando não expressamente revisionistas, escritos por autores sem formação, mas fortemente comprometidos com a ideologia conservadora – e frequentemente, também com a extrema-direita – esses movimentos têm prejudicado muito os professores de História, que tradicionalmente precisam contextualizar, estimular o pensamento crítico e trazer temas políticos para debates em sala de aula.

Nesses tempos em que os usuários de Internet aprenderam a obter informação pelas redes sociais antes de aprender a analisar a veracidade do conteúdo que consomem, militantes desses movimentos têm produzido muita desinformação, substituindo a análise pela retórica, em uma dinâmica que está prejudicando ainda mais a capacidade

de discernimento. Não há comprometimento por análise: o objetivo é a disputa simbólica a qualquer custo. Os comentários ofensivos, portanto, devem ser situados nesse contexto: nem de longe são discussões historiográficas. É uma disputa simbólica no campo da retórica. Ganha pelo cansaço quem gritar mais e atrair mais curtidas de seus iguais.

No meu canal, lido com este tipo de comentário da mesma forma que lidaria com um invasor que aparecesse em sala me xingando, ofendendo os alunos e prejudicando a aula: ele é sumariamente expulso. É uma falácia supor que o ato de impedir que um anônimo apareça de repente insultando todo mundo nos comentários é uma forma de censura à liberdade de expressão. Pelo contrário: para garantir um ambiente seguro em que todos se sintam à vontade para argumentar e contra-argumentar com liberdade, é indispensável barrar as ameaças, os bullyings e qualquer grosseria que desvie a oportunidade de aprendizado para um bate-boca inútil. O debate entre as diferenças é sempre bem-vindo. Mas não se deve confundir discussão acadêmica com troca de ofensas: isso parece uma noção óbvia; mas nas redes sociais, infelizmente, a confusão é a regra.

Icles: Eu vivo dizendo às pessoas que é necessária muita resistência emocional, ou ao menos uma forte capacidade de abstração, para lidar com as pressões de se “dar a cara a tapa” na Internet. Há produtores que mantem-se anônimos, mas a maioria deles – por uma questão de facilidade – se expõem de forma aberta. Temos, claro, uma resposta majoritariamente positiva, mas algumas reações podem ser abjetas, e isso só piora no caso de produtoras de conteúdo, já que no caso delas, o machismo é um componente pesado que não afeta a maioria de nós homens, salvo quando não nos encaixamos em algum padrão pré-estabelecido de masculinidade ou virilidade. Posso citar o exemplo da Prof^a Sabrina Fernandes, socióloga responsável pelo canal Tese Onze, no YouTube. Ela precisa lidar constantemente não apenas com o ódio político de quem não admite a existência de um canal de esquerda abertamente marxista, mas com o descrédito até mesmo de outros acadêmicos e homens de esquerda que a julgam por sua aparência, gosto por maquiagem, entre outros elementos que nem deveriam ser parte de uma discussão sobre avaliação de seu conteúdo, para começo de conversa.

Eu, pessoalmente, tenho uma política severa de moderação de comentários no canal. Tem um pessoal por aí que está muito acostumado com a liberdade que o YouTube dá

de se ofender, espreitar, causar, ofender, difamar, enquanto essas mesmas pessoas mantêm-se “seguras” no conforto de suas casas – ou mesmo no seu anonimato, no caso de perfis “fake”. Meu canal é minha sala de aula, e nela as regras são minhas. Até o momento tem funcionado, pois nossos inscritos mais fidelizados não apenas sabem dessa política, como a apoiam abertamente, por se sentirem mais “seguros” e acolhidos nos comentários de nossos vídeos, em comparação com de canais que não filtram o conteúdo das mensagens.

Pode ser que no futuro eu precise abrir mão disso, se o fluxo de comentários for muito grande. Mas enquanto eu puder manter assim, assim será.

Outras Fronteiras: *Ainda neste sentido, seja quanto às sugestões, elogios, ou críticas..., há algum tipo de comunicação periódica com as pessoas interessadas? Julga que o canal tenha **haters**?*

André: *Haters* constituem uma parte intrínseca do modelo de negócio das redes sociais. Por isso eles são tolerados pelas próprias plataformas. Eles incitam muita raiva, enquanto as empresas sabem que emoções fortes geram mais engajamento e lucro – a despeito da saúde mental dos usuários. Muitos canais precisam dos *haters* para atrair a atenção, gerar tráfego e lucrar a partir do engajamento de ambos os lados da disputa. Mas no meu caso, meu compromisso é com a aprendizagem. Sei que poderia alcançar mais público se me dedicasse às “tretas” – ou seja, se me dispusesse a comprar brigas com outros canais e lucrar com as visualizações estimuladas pelas polêmicas. Mas não é meu interesse. O objetivo do canal é divulgar ciência e reunir uma comunidade criativa em torno da aprendizagem.

Mas preciso aqui dizer outra coisa. Sei também que eu poderia ter mais público se conseguisse produzir com regularidade e se me dedicasse mais na interação com meu público no YouTube. Digo isso para não cair na armadilha do discurso fácil, supondo que a culpa do meu insucesso (ou sucesso relativo) é do público. Por isso que eu disse que é injusto cobrar dos professores e pesquisadores mais trabalho do que nós já realizamos. Mas insisto que precisamos nos movimentar para mudar o paradigma e contemplar a divulgação científica. É uma transformação que envolveria da mudança de editais, que poderiam pontuar melhor as iniciativas de comunicação científica; até a valorização das iniciativas de extensão – que costumam ser desvalorizadas em relação à pesquisa.

Icles: Temos *haters*, com certeza, mas como todos eles são bloqueados impiedosamente, eles só têm a oportunidade de comentar agressivamente uma vez. Eu leio todos os comentários que são feitos, então eles são a principal forma de comunicação. Mas confesso que raramente respondo ou interajo com os inscritos. Me conheço o suficiente para saber que se eu começar a fazer isso, acabarei sendo “sugado” por essa atividade e acabarei administrando mal o meu tempo. Na maioria das vezes, deixo para responder apenas quando penso que é absolutamente necessário.

Outras Fronteiras: *Desde a virada do século XIX para o XX, os produtos dos meios de comunicação são fontes prediletas para a produção do conhecimento histórico (estamos a falar, então, sobre as fontes de pesquisa da História). Neste caso, já levou em conta a possibilidade de os vídeos do canal serem tomados como base de uma pesquisa? Pode nos falar um pouco sobre isso?*

André: Fontes audiovisuais já são empregadas há anos na pesquisa histórica. Há metodologias já consolidadas de crítica de fontes para a análise destes materiais. Contudo, o problema de citar um vídeo do YouTube como uma referência teórica, por exemplo, diz respeito à consciência de que não há qualquer garantia de que este material tenha sido revisado e esteja correto. Para que um artigo seja validado cientificamente, é preciso passar pelo sistema de revisão por pares, como mencionei. Assim, o periódico endossa aquelas descobertas, que passam a ser cientificamente validadas. A mesma coisa acontece com livros de editoras sérias – como as editoras universitárias – cujo conteúdo é avaliado pelo conselho editorial; ou mesmo com os *papers* em congressos, que são avaliados pelos comitês científicos. Mas quando qualquer um pode publicar o que quiser em sua conta pessoal, é preciso tomar muito cuidado: mesmo quando se trata de personalidades acadêmicas consagradas. O problema, portanto, é a falta de revisão por pares. Nada impede que o vídeo seja um *objeto* de análise. Mas é problemático torná-lo uma *referência*. Até porque, em geral, bons vídeos de divulgação científica no YouTube fazem constar a bibliografia consultada. O melhor, portanto, é consultar as fontes originais e, se for o caso, incluir o autor do vídeo nos agradecimentos, pelas dicas.

Icles: Algumas pessoas já entraram em contato comigo falando que tinham interesse em pesquisar canais de YouTube, e inclusive já concedi uma ou duas entrevistas para

estudantes que queriam usar o *Leitura Obrigatória* como fonte, apesar de não ter lido nenhum desses trabalhos. Confesso que não sei se já foram finalizados ou não.

Outras Fronteiras: *Por fim, enquanto profissional que conhece de perto a pluralidade da rede mundial de computadores (da qual o YouTube é expressão) e historiador do início do século XXI (vivendo a pluralidade e os conflitos político-ideológicos do tempo-presente), enxerga alguma dificuldade para os futuros historiadores que analisarão os fatos atuais a partir das sínteses propostas pelos canais do YouTube?*

André: As ciências humanas e sociais não estão paradas no tempo. Na Europa e nos Estados Unidos já estão avançados os debates sobre o campo das humanidades digitais, por exemplo. É evidente que a quantidade monumental de informação gerada a cada dia na Internet e nas redes sociais precisa de novas metodologias para que o historiador tenha condições de realizar as suas análises. Assim, as humanidades digitais propõem a união das Ciências Humanas com as Matemáticas e as Ciências da Computação, entre outras, para incorporar as tecnologias de análise de *big data* nas suas pesquisas. Assim, com o auxílio de algoritmos de detecção de padrões em conjuntos monumentais de dados, pesquisadores terão condições de selecionar, sintetizar e extrair conhecimento dessa massa aparentemente caótica de informação.

Além disso, como ensina Hobsbawm – ou de forma ainda mais radical, Paul Veyne – a história só é capaz de formular explicações em retrospectiva. Ou seja, a importância do estudo dos fenômenos históricos do presente vai depender de suas eventuais consequências no futuro. A narrativa histórica é uma seleção, ensina Veyne. Além disso, os contemporâneos não têm condições de avaliar os resultados futuros dos eventos do presente, pois a história é, por definição, imprevisível. Só não digo que fenômenos inesperados frequentemente mudam o curso da história porque, na prática, não há um “curso da história”; ou melhor, não há um “fim”, um “objetivo”, uma “meta”. A história é um campo aberto de possibilidades. Eu fiz um vídeo no meu canal sobre isso.

Digo tudo isso para lembrar que os historiadores do futuro, além do distanciamento necessário para a visão panorâmica, terão novos recursos tecnológicos e metodológicos para cruzar amplos conjuntos de fontes, no esforço intelectual de compreender a história contemporânea.

Portanto, considerando que a pesquisa no campo da História também é histórica – ou seja, também está se transformando no tempo – suponho que as eventuais dificuldades

dos historiadores do futuro serão análogas às dificuldades dos pesquisadores do presente – apesar das diferenças no acesso e no trato das fontes. Imagino, por exemplo, o surgimento de “arqueólogos digitais” – profissionais aliados às Ciências da Informação e aos engenheiros da computação que vão se dedicar à recuperação de arquivos digitais corrompidos ou armazenados em mídias ultrapassadas – tais como fitas cassetes, VHS, disquetes, CDs e, no futuro, DVDs, *pendrives*, HDs externos... Nosso campo está em pleno desenvolvimento e ainda há muito a se descobrir em termos de novos recursos tecnológicos para a análise destas fontes digitais.

Icles: Penso que historiadores do futuro que queiram entender eventos atuais futuramente não devem tomar nossos vídeos sintéticos como exemplos significativos. Obviamente que alguns de nossos trabalhos apresentam evidências e informações relevantes para o futuro, mas penso que há muito mais material disponível no YouTube que permite esse tipo de análise de forma mais direta. Por exemplo: por que analisar o ódio político atual apenas a partir de vídeos de canais como os nossos, se é possível ir direto às fontes desse ódio, presentes na forma de vídeos sensacionalistas e difamatórios que estão espalhados pela plataforma?

Creio que o maior desafio desses historiadores futuros será lidar com o volume gigantesco de fontes. Não que historiadores do passado e do presente não tenham que lidar com pilhas e pilhas de fontes, vide alguns arquivos que contam com centenas de milhares de documentos impressos, muitas vezes nem sequer digitalizados. Mas no caso do YouTube, além do volume, há o problema da efemeridade. Vídeos aparecem e desaparecem todos os dias, e não há sequer uma certeza sobre quanto tempo o YouTube permanecerá no ar. A plataforma é bastante sólida e é detida por uma das empresas mais poderosas da Internet, mas nunca se sabe o dia de amanhã.

O que não significa que esses historiadores devem temer. Uma das características da pesquisa nesse tipo de fontes – que recebe nomes como netnografia, antropologia virtual, entre outros – é o próprio fato de o historiador, ao registrar esta fonte em sua pesquisa, preservar seu conteúdo para a posteridade mesmo quando a fonte deixa de existir, dada a efemeridade de alguns conteúdos na Internet. Obviamente que esse registro pode ser bastante enviesado, mas ainda assim é uma forma de preservação. Espero que todo esse volume de informações gere boas pesquisas sobre nosso presente nesse futuro ainda incerto.